

CONCEITO DE SENSIBILIDADE NAS OBRAS DO HISTORIADOR PETER GAY

Paula Faustino Sampaio.

Mestranda do PPGH - UFPE

Resumo: Peter Gay, um importante estudioso da história social das idéias, escreveu na década de 1990 diversas obras, entre as quais se destacam a biografia sobre Freud e a coleção composta de cinco livros sobre a burguesia no século XIX - *Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*. A partir dessas obras, nos propomos a mostrar como esse historiador pensa as experiências de burgueses e a formação de sensibilidades no oitocentos.

Palavras-chave: sensibilidades; Peter Gay; cultura burguesa;

No começo dos anos 70, momento no qual estava em voga na École de Annales o estudo das mentalidades, o historiador Peter Gay passou a pensar sobre a constituição da burguesia no século XIX com bases teóricas do próprio tempo. Um dos pensadores do século XIX estudado foi Sigmund Freud, estudioso encantado com a ciência e homem assustado com a Primeira Guerra Mundial. Sobre o psicanalista Sigmund Freud, Peter Gay escreveu o livro *Freud – uma vida para nosso tempo*. Neste livro, enfatiza-se a constituição do campo de conhecimento denominado de psicanálise em meios às relações afetivas, familiares e intelectuais.

Nos cinco volumes da coleção *Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*, a saber: *A educação dos sentidos* (1988), *A paixão terna* (1990), *O cultivo do ódio* (1995), *O coração desvelado* (1999) e *Guerras do prazer* (2001), Peter Gay, considerado um importante historiador social das idéias, se propõe a pensar a constituição do “eu burguês”, a formação da classe média e de uma cultura burguesa a partir de suas próprias marcas, destacando ambivalências, incertezas, ambigüidades, instabilidades de um tempo, século XIX, e de pessoas de um grupo social, a burguesia, num estudo de constante diálogo com o psicanalista Freud.

A partir dessas obras, especialmente da coleção *Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*, temos a intenção de mostrar como Peter Gay pensa as experiências de burgueses no oitocentos em uma história que convida o leitor a entender a constituição de uma cultura desejosa de ser diferente da aristocrática e da operária e formação de sensibilidades e afetividades numa época de esperanças sem precedentes e de ansiedades desconhecidas, de mudanças rápidas, irresistíveis e perturbadoras. Para o autor, uma época do movimento de imigração da Europa para Estados

Unidos da América, de migração do campo para cidade e de “ritmo acelerado da urbanização que os homens da época achavam tão impressionante e alguns observadores tão detestáveis”. No entender do autor, esse movimento teve seu preço sobre a saúde mental do ser humano, que vivendo sob um ritmo que se acelerava ao longo do século XIX sofreu os impactos da realidade, influência das forças elementares, em sua maior parte inconsciente, na formação da sua experiência.

No volume 5, *Guerras do prazer*, Peter Gay começa por definir o nome *bourgeois*, uma censura e fonte de auto-estimulo. O orgulho que os burgueses sentiam estava misturado à inquietação, a segurança que sentiam era também lugar de ansiedade. Ser mediano vingou menos como uma solução de compromisso do que como uma ideologia burguesa amplamente apoiada. Segundo Peter Gay, quando a rainha Vitória assumiu o trono em 1837, a burguesia já se definira havia muito tempo como uma classe social distinta. Essa burguesia recebeu vários nomes, expressões a princípio confusas: “príncipes mercadores”, “capitães da indústria”, “l’aristocrate financière”, “aristocratas do trabalho”, “proletários de colarinho alto” Entre a ascensão de Napoleão e a deflagração da Primeira Guerra Mundial, as camadas média e superior da classe média cresceram impressionantemente em número e poder, a pequena burguesia apenas em número. Todos insistiam que não eram parte da proletariado. “Ninguém era mais burguês do que um funcionário do correio miseravelmente pago.”. Mudanças nos transportes, comunicação, acesso ao capital, crédito, introdução de maquinaria são algumas das razões para a drástica reformulação da pirâmide burguesa. Uma era de transição. “O novo só poderia receber a sua parte depois que o velho tivesse morrido, mas o velho estava certamente morrendo.”

O século XIX aparece como uma época que revela o prazer pela mudança acompanhado de um novo modo de pensar. Entre os vitorianos o respeito pelos modos longevos estava sob permanente ataque e mudanças nas atividades chamavam atenção. “A erupção vulcânica de energia gerada por essa paixão pelo progresso mobilizava os esforços necessários para vencer os obstinados defesas humanas contra a mudança, para aventurar-se no não experimentado de preferência a permanecer como o familiar.” Estavam na vanguarda da transformação os mundos do trabalho e do lazer, a vida privada e vida pública.

Para Peter Gay, toda mudança é traumática, até a mudança para melhor. “A própria gratificação dos desejos gera perturbações”. Para ele, todo progresso do século XIX foi atormentado pela ansiedade às vezes reprimida e apenas com relutância reconhecida – parte dela, claro, sob forma de preocupação com o custo social da urbanização. Essa ansiedade invadia as questões de gosto, pois autoproclamadas especialistas enviavam sinais contraditórios. A tensão entre o desejo moderno da originalidade e o medo por ela provocado dava à mente da classe média vitoriana boas razões para inquietações. Quais os custos mentais de cultura burguesa? Atividades eróticas

clandestinas tinham alta cotação entre as patologias da masturbação sexual. Outros apontavam para os tempos de industrialização e urbanização – para os ataques de nervos. Como definiam o século XIX?

As tensões que atormentavam à classes média podiam ser suportadas quando havia alguma expectativa realista de promoção social. A literatura de maior sucesso da época, que produzia sonhos extravagantes, era mais uma ficção de auto-engano do que reportagem realista. Segundo Peter Gay, o mundo burguês vitoriano continha bolsões de oportunidade para o progresso que se nunca foram idênticos aos desejos da época, assemelhavam aos sonhos contemporâneos. Burgueses continuavam a ser minoria nas cidades, em grande parte inundadas pelos pobres, que submissos, inquietos. A auto-diferenciação das outras classes, a posse segura dos modos de pensar e sentir da classe média era suficientemente imprecisa.

Ideais burgueses: honestidade nas transações comerciais, fidelidade à esposa, autocontrole nos gastos, necessidade de privacidade, evangelho do trabalho, o amor da beleza. “O bom gosto era um emblema desejado por aqueles que podiam ceder ao luxo de obtê-lo, e freqüentemente por aqueles que não podiam se dar a esse luxo.” No centro da auto-realização burguesa estava a família, órgãos privilegiados para transmissão de valores, estabelecimento de limites, fonte de prazeres domésticos. Peter Gay afirma que o historiador da burguesia vitoriana é obrigado a notar que os criadores desses retratos incompatíveis tinham razão – em parte, a família comum de classe média não tão cheia de vícios como diziam seus detratores nem tão pura como seus admiradores gostavam de imaginar. Família emblema do que os burgueses queriam ser ou achavam que eram.

Pensando assim, Peter Gay considera relevante olhar de modo novo a sexualidade também em transformação no oitocentos. Utilizando uma vasta documentação, que vai de cartas às esculturas, Peter Gay mostra a constituição da afetividade e da sensibilidade burguesa por meio de práticas individuais e definir o que foi a experiência burguesa no século XIX, época de melhoramento, mais para os burgueses do que para qualquer outro grupo de pessoas. “Sua ideologia carregada de esperanças não era apenas uma máscara para encobrir o desespero, mas uma crença sincera no progresso. O mito que dominava a época, pelo menos entre aqueles que dela se beneficiavam, teria inevitavelmente que ser o da mobilidade.” No entanto, os burgueses necessitavam de guias como Émile Zola, Aléxis de Tocqueville, Burckhardt para atravessar a selva da modernidade.

Ao interpretar a cultura burguesa, dentro de um conceito antropológico de cultura como algo complexo, descontínuo e surpreendente, o historiador lança mão de diários pessoais, cartas de famílias, textos e apontamentos médicos, manuais do lar, panfletos religiosos e obras de arte, para reproduzir perfis afetivos, comentar cartas íntimas, interpretar pinturas e analisar sonhos de pessoas que viveram na América no Norte e na Europa. Um mundo de experiências ricas, francas,

misteriosas, regulares e caóticas de burgueses no século XIX é mostrado numa investigação histórica minuciosa.

Nascido em Berlim, em 20 de junho de 1923, com o nome de Peter Joachim Frohlich, naturalizou-se cidadão norte-americano em 1946, após escapar do nazismo em seu país natal. Professor de História Européia na Universidade de Yale desde 1969, Peter Gay é membro da American Historical Association e da French Historical Society. Este homem do século XX estudou o século XIX, buscando ver o que estava por trás do acontecimento, dialogando com Freud para entender o inconsciente, o oculto, as ambigüidades, as ambivalências do século XIX e de algumas pessoas. Na sua interpretação interessa os processos de aprendizagem pautados nas experiências; sentimentos, hábitos, amores – campos de incertezas, que Freud define como escuro e o não dito. São essas experiências que busca dá sentido na sua história. No entender de Peter Gay, ainda não se conseguiu avaliar as experiências da classe média nem sua maneira de receber as mudanças econômicas, políticas, sociais, artísticas e intelectuais que transformaram o seu viver. Deste modo, sobre a classe média interessa os reflexos destas mudanças na esfera emocional, nos domínios da frustração e da realização auto-realização e da percepção social da confiança e da ansiedade. Buscando inspiração nos temas freudianos, Peter Gay convida o historiador a pesquisar além da conjuntura imediata, a abrir as portas para o ambiente cultural em que Freud viveu, fazendo falar o que nem sempre tem palavra.

A elaboração dos livros de Peter Gay, como ele mesmo enfatiza, deve muito ao pensamento de Freud, uma vez que os elementos básicos da experiência humana – amor, agressão e conflito e foram inspirados pelo trabalho de Freud. No livro *Educação dos Sentidos*, Peter Gay analisa a vida sensual da burguesia, as formas que seus impulsos libidinosos assumem quando sujeitos às pressões de seus imperativos e de suas possibilidades físicas; as formas de amor da classe média, em suas classificações pecaminosas e pervertidas, as maneiras burguesas de exprimir e dissimular o erotismo, as fantasias culturais veneradas na literatura da época, os disfarces com que se mascararam os desejos eróticos nas chamadas elites culturais e o valor pago pelas limitações impostas à própria sexualidade.

Ao registrar as mais íntimas e importante das experiências – as relações sexuais, o autor apresenta Mabel Toomis Todd, alguém que sem inibição registrou sua vida erótica, seus amores, suas perdas e medos, permitindo ao autor um rico registro da vida íntima, campo geralmente com poucos documentos. Entre os muitos aspectos analisados da vida de Mabel Todd, Peter Gay investiga o apetite sexual. Mesmo as relações sexuais não sendo freqüentes, os Todd se deleitavam com vários prazeres conjugais, como: trabalho, leitura, música, passeios, só que eram os prazeres sexuais os que prevaleciam; eram, na expressão de Mabel, “um pedacinho do céu depois do jantar.”

No entendimento de Peter Gay, a experiência de Mabel é singular, e não deve ser generalizada à todas as burguesas do oitocentos. Seguindo a imaginação de Mabel, o autor afirma que a maioria das mulheres casadas não realizava seu potencial do modo tão arrojado quanto ela o fazia, o para ele, orientando-se pelo pensamento de Freud, se explica como sendo uma compensação de antigas carências, de origens há muito esquecidas, mas que estavam no inconsciente. Além do apetite sexual, o envolvimento de Mabel com um homem mais velho estava fundado no seu intenso e constante bem-querer por seu pai. Assim, o autor explica o comportamento afetivo de Mabel como sendo uma compensação de carências e de desejos reprimidos.

Segundo Peter Gay, houve experiências de burgueses no século XIX e não experiência burguesa como vemos no título dos seus livros. Para o historiador, a experiência de um indivíduo difere da experiência de qualquer outro. Só o indivíduo ama e odeia, aprimora seus gostos, sente contentamento com suas realizações. Mesmo assim, destacando a singularidade das atitudes é possível fazer generalizações “pois todos os seres humanos compartilham pelo menos a humanidade – suas paixões, sua trajetória em direção à maturidade, suas necessidades irreprimíveis.” E cada qual estabelece seus laços sociais, pertence a culturas parciais e moveis que o expõem, a conjuntos previsíveis de experiências, os quais constituem famílias suficientemente semelhantes entre si para seduzir o historiador a emitir julgamentos coletivos. A filiação religiosa, a vizinhança urbana, a comunidade religiosa, a comunidade lingüística e, no século XIX, a classe social moldam o indivíduo de forma a torná-lo reconhecível como membro de diversas sociedades. Experiências por mais pessoas e íntimas que sejam, tampouco deixam de ser culturais por sua natureza e por suas implicações.

Por exemplo, ao tratar da sexualidade, Peter Gay tem a intenção de “evidenciar e corrigir” o que julga concepções errôneas arraigadas sobre a cultura vitoriana como um mundo tortuoso e insincero. Para ele, a cultura burguesa do século XIX era ao mesmo tempo múltipla e una, as atitudes em relação à demonstração de afeto, as discussões de enfermidades e angustias, a educação das meninas, os usos de métodos anticoncepcionais, deferiam de uma década para outra, de pais para filhos, de camada social para outra, de pessoa para pessoa. Contrariando a leitura recorrente da cultura vitoriana, defende que todas essas mudanças faziam parte de anseios e ansiedades reconhecíveis e que é preciso tentar recuperar os conflitos, a ambivalência e a diversidade da cultura burguesa no século XIX.

Esta cultura apresentou variações através dos tempos nas atitudes. “Cada experiência sexual está tão intimamente relacionada aos dotes físicos, as satisfações iniciais e às oportunidades posteriores de cada pessoa, e tão dependente das condições de nascimento, da primeira sedução, de encontros traumáticos, que nenhuma história erótica individual pode se igualar completamente a

qualquer outra”. Diferentemente de Mabel, a maioria dos burgueses do século XIX guardava silêncio sobre seu amor sexual. Mesmo diante desse silêncio, seguindo a metodologia freudiana, Peter Gay acredita que por mais que alguém tente ocultar seus desejos e suas aversões mais profundas, a confissão extravasa por todos os poros. Assim, é possível reconhecer a confissão e reconhecer seu significado. Para ele, “por trás de toda e qualquer idéia, discurso ou ação dos homens há mais do que pode ser percebido pelo olho não treinado”. As coisas “são a um só tempo o que não parecem e o que parecem ser.”

Deste modo, para dá um *tratamento sinfônico* às experimentações de mudanças, irreversíveis e, por vezes, traumáticas vivenciadas entre os primórdios do século XIX até a eclosão da 1ª Guerra Mundial, o autor entende que a contribuição da psicanálise à interpretação destas experiências consiste em uma metodologia cujas proposições destina-se a arrancar do passado seus significados ocultos e a possibilitam a leitura deste passado, interpretando sonhos dentro de um contexto associativo, estudando seqüências de temas em um fluxo de associações livres e examinando as fontes como condensações de desejos e de abrangências, como exercícios de negação, tudo isso para trazer à tona fantasias inconscientes presentes em romances, obras de artes ou mesmo diários. Assim, Peter Gay fascinado pelo trabalho de Freud faz uma história informada pela psicanálise na tentativa de extrair novas interpretações sobre a cultura burguesa e, especialmente sobre a classe média.

Peter Gay compreende por experiência o “encontro da mente com o mundo, no qual nem este nem aquela são jamais simples ou totalmente transparentes”. A experiência acaba por mostrar-se, sobretudo, quando seguimos suas raízes até os remotos recônditos do inconsciente, recalcitrante, fugidia, taciturna, criação de impulsos ambíguos e de conflitos não-resolvida ela não raro semeia confusões e impõe drásticas interpretações falsas. A experiência participa na criação dos objetos, dos interesses e da paixão, dá forma aos anseios ainda incipientes e levanta barreiras contra ansiedades ameaçadoras. Para o historiador, o apetite por novas experiências tem origem nas primeiras investigações da criança em busca do conhecimento sexual e no prazer que isso lhe proporciona.

No pensamento de Peter Gay, experiência também pode ser um encontro do passado com o presente, uma vez que o homem aprende a partir da experiência. Por isso, entende ser necessário respeitar as evidências, sejam elas remotas ou acessíveis no tráfego ininterrupto entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula. Assim, a construção da experiência resulta da colaboração entre percepções geradas por ansiedade e correções levadas a efeito pelo raciocínio e pela experimentação com materiais disponíveis no domínio público. Além da força dos impulsos de necessidade e ansiedades inconscientes sobre as atitudes características do século XIX, as

influências do domínio público sobre a sexualidade das classes médias tinham um importante papel na construção da experiência burguesa. Havia uma série de advertências e convites, de fracassos que fortaleciam as inibições ou de incitações que as derrotavam. Ao mesmo tempo em que criava aberturas para os sentimentos e ações sexuais, impunha restrições a ambos. Na compreensão de Peter Gay, a mente humana anseia por realidade. Ela fornece ao mundo suas necessidades, o mundo dá a mente sua gramática, aos desejos seu vocabulário, às ansiedades seu objeto. A mente coleta no mundo suas fantasias e até mesmo seus sonhos. Ela tem por função aliviar a pessoa das tensões nela criada por suas necessidades e encontrar outro meio de acomodar os impulsos insatisfeito.

Assim, desvendar auto-ilusões, corrigir interpretações errôneas, analisar o significado inconsciente de ações consciente, defender arduamente a autoridade da realidade externa e a competência da mente humana, são tarefas que Peter Gay se impõe nos seus livros. “Conquanto a tarefa de tornar legíveis os hieróglifos do inconsciente para a pesquisa histórica seja difícil, subsiste uma decisiva verdade histórica – uma verdade que o historiador ignora por sua conta e risco, incorrendo por isso em perdas consideráveis – a de que muita coisa do passado ocorreu de modo oculto, silencioso e eloqüente.” Diante da atividade enérgica e emaranhada do inconsciente, “ a interpretação histórica da experiência precisa ser pelo menos tão sensível às suas dimensões conscientes quanto às inconsciente, e igualmente sensível aos efeitos da cultura sobre a mente – em suma, precisa ser sensível ao mundo em que o historiador se sente mais à vontade.”

No volume 4 da coleção *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud – O coração desvelado*, Peter Gay fala da grande preocupação do século XIX com o “eu”, algo próximo à neurose. Na busca de conquistar o mundo, os burgueses se deliciaram, angustiaram com a introspecção, a auto-exploração tornava-se um exercício fundamental, e muitos burgueses puseram seu coração a “nu” diante de contemporâneos e de especialistas da natureza humana. A arte de ouvir música e a introspecção, por exemplo, passaram a ser celebrada e democratizada no século XIX. A música manifesta os apetites físicos porque atinge as raízes mais profundas da experiência humana, estimula as sensações eróticas e revive memórias. Segundo o ideal de decoro dos românticos, a música devia conduzir os ouvintes, com toda a reverência, ao que tinham de melhor em si. Tudo isso poderia ser feito se permanecessem em silêncio, concentrados na inspiração sonora. Por meio da música, a introspecção também ganhou espaço, ela é a mais romântica das artes. “A música reveste todas as paixões da refulgência púrpura do romantismo – amor, o ódio, a fúria, o desespero.”. Juntamente com a literatura, a filosofia e a política, a música representa a mentalidade burguesa numa época cujo ideal de autocontrole tem a pretensão de recompensas psicológicas sofisticadas.

Desde modo, na compreensão de Peter Gay, o ideal de autocontrole exigia um amplo reposicionamento das tradicionais concepção de arte, da forma de ouvir e de consumir arte de

alguns burgueses comuns (pessoas que liam biografias, livros de história e romances, cartas e diários), suas idéias e sentimentos, sempre preocupados com o “eu”, aqueles que se puseram a falar na primeira pessoa, a revelar, ocultar e compreender a vida secreta do “eu”. Ao autor interessa estudar a preocupação dessas pessoas com o estado dos nervos que se tornou uma obsessão, culto do autoconhecimento difundido por escritores, pintores, artistas plásticos e escultores entre os leitores da classe média.

O homem “burguês comum” juntou-se em massa à peregrinação ao mundo interior, os diários íntimos, confissões escritas, cartas, missivas de amor e reflexões religiosas. Eram os homens e mulheres de letras que definiam a agenda dos demais (auto-escrutínio). A introspecção tanto podia ser sedutora quanto arriscada, havia os entusiastas e os detratores do “conhece a ti mesmo”, alguns consideravam uma doença da modernidade essa preocupação. Segundo Peter Gay, desde a antiguidade o desnudamento dos sentimentos era uma prática sedutora, muitas vezes inquietante. Sócrates, por exemplo, focalizou na condição humana uma marca de que a introspecção sempre esteve na pauta das preocupações humanas. Antes dos vitorianos preocuparem-se com a introspecção muitos já se preocupavam.

O que torna a introspecção importante para os vitorianos é a circunstância de haverem oferecido a um público mais amplo. Os vitorianos que cultivavam seus “eu” interior eram burgueses. No entender de Peter Gay, por mais que o futuro dos burgueses de camadas sociais distintas fosse bem diferente, todos eles compartilhavam o modo de pensar sobre si mesmos e que os tornava burgueses. Essa busca por definição, busca pelo próprio eu, estava ligada ao fato da burguesia continuar a ser uma minoria distinta e reconhecível. Eles eram apenas 12% das cidades. A maioria dos burgueses permanecia mais ou menos firmemente instalado sem seus hábitos, seus valores e renda intermediária.

Peter Gay cartografa o espetáculo fascinante dos burgueses do século XIX que buscavam introspecção. Arte de ouvir a si mesmo, a música e a poesia estavam aliadas às idéias românticas sobre o amor. Os românticos foram os responsáveis, os profetas, poetas e propagandistas do coração desvelado no século XIX. Exploraram as possibilidades dessa busca e complicaram seu perfil; redefiniram seu vocabulário e mais ou menos sem querer modelaram pelas próximas décadas a percepção que a burguesia tinha do seu “eu”. Tinham a intenção de fazer do mundo burguês um lugar encantado, misterioso e maravilhoso, modo intensamente pessoal; os românticos voltaram-se para o interior da alma. Segundo o autor, os românticos, cada um a seu modo, já que é difícil mostrar que formavam um grupo, criaram uma atmosfera para introspecção, celebraram ávida interior, garantindo um banquete variado de sentimentos e convicções. No ideal romântico individualizar estava na ordem do dia. Para Peter Gay, mais importante do que a diversidade romântica era o que

aparecia como mensagem singular e irresistível do espírito romântico do século XIX: a obsessão com a profundidade dos sentimentos. Este “eu” muitas vezes foi registrado em autobiografia, auto-retrato, biografias, romances, obras históricas, memórias.

Mas o que é esse “eu” que o burguês vitoriano tinha tanto interesse em encontrar e definir? Pergunta Peter Gay. Para o historiador, “falar ou escrever sobre o ”eu”, pintá-lo ou exibi-lo público ou privadamente – até mesmo pensar sobre ele – nunca consiste apenas em descrever algo que existe, mas sim em *criar* um objeto na medida em que se o descreve. O objeto de estudo é real e não fictício. Deste modo, parte da premissa de que o “eu” não é uma invenção, e sim um amálgama de elementos estáveis e que pode ser conhecida, embora resista ao pesquisador. Para Freud, “a mente humana é um enigma a ser solucionado, reflete cooperação e competição entre necessidade e razão, natureza e educação.” Para o psicanalista, a mente é parte da natureza sujeita a pressões causais. No entender de Peter Gay, concordando com Freud, por mais absurda ou banal que pareça – um sonho, uma fantasia, um lapso ou um hábito lingüístico – é uma mensagem a ser decifrada. Para Gay, os desejos imperiosos do indivíduo que conflitam habitualmente como as demandas da vida humana deve ter relevância para o historiador, uma vez que, para Freud, o ser humano é um organismo em conflito, respondendo às pressões externas. Neste sentido, educação é uma imposição estrita de limites. Esse limites muitas vezes são mal recebidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência de leitura de alguns livros de Peter Gay, o(a) historiador(a) pode perceber a importância da psicanálise e, particularmente, do pensamento de Freud na construção de uma interpretação que utiliza documentos os mais variados, cuja intenção era pensar um grupo social em formação, em uma época de marcada por movimentos, incertezas e angustia, que até então não se tinha experienciado; pensar sentimentos e afetividades, temas privilegiados de Freud. Poder perceber também em uma leitura agradável como Peter Gay, a cada página, construiu sua história sobre a burguesia, mostrando como esta se definiu enquanto classe, como definiu seus gostos, como pensou a si mesma. Seus conceitos aparecem sempre por meio das experiências, tudo é muito construído neste trabalho, que tem em Freud um orientador, um inspirador e um solucionador de questões do inconsciente.

Peter Gay escava recôncavos da mente e das experiências dos seus personagens, buscando compreender como se educaram, especialmente, quanto à sexualidade, deixando os corações dos burgueses sem vestimenta aos olhos curiosos dos leitores, mostrando os conflitos, as lutas, as

dúvidas de seres humanos ansiosos por autonomia e, por algo comum a todo ser humana, por felicidade. Assim, a experiência de leitura dos trabalhos de Peter Gay deve ser repetir se não em grupo, pelo menos individualmente, uma vez que constituem numa relevante contribuição para os historiadores da cultura, interessado em acompanhar o percurso de um historiador ousado nos temas e nas interpretações. Assim, o que foi mostrando ao longo deste artigo é apenas um filigrana da riqueza das experiências do mundo burguês e do trabalho de Peter Gay, que é “um pedacinho do céu logo depois do jantar”, na expressão de Mabel Todd.